Cabral não numerou esta publicação: está entre os n.ºs 321 e 322

Não é em Rodrigues

ADIR
GUIMARAES

# IMPROVIZOS

## D' U L Z Í.

RIO DE JANEIRO.

NA IMPRESSÃO REGIA 1813.

*Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.*

*Não acredites, Leitor;*
*Q' impia estrada a Muza toma;*
*Q' ella segue por melhor,*
*A Catholica de Roma,*
*De Christo pelo favor.*

Do Aut.

# PREFAÇÃO.

*AS innumeraveis metamorfozes que tem soffrido os meus versos, já na imprensa, já por interpretações oppostas, já por máo acolhimento, (em parte) e por consequencia por authoridade minha, são outras tantas enchadas, que devem abrir-lhes a sepultura. Depois desta confissão parece mania, ou lizonja Poetica, a publicação destes; mas não he mais que desgraça daquelle, como eu, que mais gosta hum pequeno ponto de Mathematica do que o maior plano de Poezia; porém desta, ainda que má (por ser minha) tenho comido mais que por aquella, que apenas em* 1801 *me sustentou: daqui se conclue que estudei o necessario, e por consequencia o util, aos uzos da vida; e não achando hum homem de qualquer titulo, ou côr que seja, que me dê applicação alguma, que farei, hum praguejador do ocio? Farei aquelle serviço de que tiro alguns esteios da existencia humana. Fique este principio na classe dos axiomas (se mo consentirem) e continuarei a fallar na lingua dos Poetas, sem aquelle pudor, que me influiria algum emprego que tivesse. Sejão pois estes Improvizos a primeira expressão de que me valha, na America, elles vão quartados relativamente*

*ao que prometti, e por isso bem contra minha vontade; mas faz-se-me precizo assim por fugir a hum Dilema, tal como jogar palavras, para imprimir os versos promettidos, ou não imprimi-los, e ficar desacreditado com alguns Subscritores; por tanto, vejo-me na preciza obrigação de fazer mais do que tencionava. Farei reimprimir em menos de vinte paginas, o que trouxe da imprensa menor valor que levou: Será corretamente acrescentado este folheto, e intitulado Rithmas d'Ulzí: Publicarei outro intitulado Mixtilismo Poetico d'Ulzí, no qual influirei o que leva de menos o presente: Em qualquer delles satisfarei mais; senão a todos, pelo menos aos que avalião isto pelo seu corpo; e no primeiro indicarei (debaixo de Protecção maior) em verso a mágoa que nenhuma proza explica; porém, lembrando-me a definição do Oiro, veremos primeiro que tudo se este*

*vale.*

*AOS SENHORES SUBSCRITORES.*

DE GRATIDÃO.

# O D E.

DEpois de transformado o Chaos em dia
Surgirão mares, peixes, homens, quanto
Força immensa pedia :
O protentozo espanto
Do claro, e occulto, Ceos, que valentia
Milagroza! Que Mando! Imperio tanto
Movera em hum se Faça por Vontade,
E Gosto da Suprema Divindade!
Organizou-se tudo, e o Beneficio
A Gratidão no seio trouxe á Terra;
Porém o torpe Vicio,
Q' a Virtude desterra
Por infernal costume, odiozo officio,
Q' a Santa Paz converte em dura Guerra,
O monstro Ingratidão fermenta, e nutre,
No peito vorador, voraz Abutre.
Eu que temo do monstro ser ferido,
Q' a terra em larvas me sepulte logo,
Tenho á Muza pedido,
E hora mesmo lhe rogo,
Subir-me queira ao Pindo ennobrecido,
Onde possa aquecer-me ao sacro fogo,
Q' esvahe a frialdade ao homem grato,
Verdades cinge d' immortal ornato.

Ah! delibera hum dia a Muza o passo,
Tolhido pelas mãos da desventura!
Huma vez quebra o laço
Da cruel sorte dura!
Tyranna sorte minha, que embaraço
Nunca tem no caminho d'amargura!
He possivel que a Muza fraca, implume,
Do lugar que lh'indico suba ao cume!
Por todos que se oppõe a meus pezares,
Da Muza destruindo-lhe anciedade,
Mandar em fumo aos ares
Incensos d'amizade,
Chegar da Gratidão aos seus Altares,
Sobre elles protestar-lhes lealdade
Dezejo, e, por lhes dar eterno exemplo,
Hymnos gravar-lhes no Sagrado Templo.
Não invejo do Heróe altas conquistas,
Herdades longas, defendidos muros:
Não marco em bronzeas listas
Vestigios mal seguros;
Nem passo pela idéa aquellas vistas,
Q' ás vezes sobre Atheos, sobre Epicuros,
A ignorancia dirige, e não lhes chama
Indignos da razão, virtude, e fama.
O nauta ambiciozo, e o de Mavorte,
Sectario triunfante, valem nada:
Invejo a vossa sorte,
Invejo a vossa espada, (1)

---

(1) Allude á justiça que fazem protegendo o desvalido, dezejando imita-los, e não incomoda-los.

Subscritores, de Divino corte;
Q' á terra foi por Deos do Ceo mandada,
Para s' oppor em tudo ás sanguinozas,
Curar, e nunca abrir chagas penozas.

Se de Bellona o Campo houve Pereira, (1)
Cuja copada rama glorioza
A Luzitania inteira
Fez muito mais formoza,
Hum cada qual de vós na sua esteira;
A patria volve muito mais ditoza,
Seguindo a sã Moral, seguindo o trilho
Da Lei, q' as mais sucumbe, e he de mais brilho.

Bem hajão vossos Pais, que dar-vos sabem
Tão bella educação, lições tão boas:
Que fazem que vos cabem
Mil immortaes coroas;
Em vós nunca o prazer, e gloria acabem
Dos creditos que vem de taes pessoas,
Que se delles colherdes justos loiros,
Inveja cauzareis a mil vindoiros.

Se a mága Lyra, que arvoredos move;
Ou que Thebaicos muros construira,
Me désse o grande Jove
Trocar por ferrea Lyra,
Que nem hum só prazer nos mais promove;
Por mais, e mais que afine, e as cordas fira:
Se meu éstro illustrára o sacro Apollo,
Cantára o nome vosso em qualquer Pólo.

---

(1) D. Nuno Alvares Pereira.

Porém hum peito rouco, afeito ao pranto;
Sulcar da gratidão o mar querendo
A salvamento, em quanto
Mil castigos soffrendo
Vá esse fatal monstro, assaz d' espanto,
Q' estas Leis sacro-santas vai torcendo!
Cantar não póde; mas louvar vos deve,
Se não como dezeja, qual se atreve.

Eia pois, bem fazejos Subscritores,
O dezejo aceitai-me, que excessivo
He d'entre os bons Cantores
Sacar alto motivo,
E em novo métro dedicar louvores
A vós, que á Muza destes lenitivo:
Continuai; serei tuba incessante,
Q' a voz, por vós, da terra ao Ceo levante.

# EGLOGA.

## *AMILCO, E DELISFI.*

*Am.* TU que tens cá destes sitios
Noticia clara, ao que infiro,
Delles me conta o que sabes
Neste sombrio retiro.

*Del.* Supposto diversos campos
Tenha pizado, não posso
Satisfazer, nessa parte,
Vosso empenho, ou gosto vosso.

O gado sempre guardei
Entre assiduas amarguras;
Por isso não fica facil
Responder ao que procuras.

De politica não trato,
Qual tratas, penso que atino?
Cuidar d'alheios sistemas
Não me dá o meu destino.

*Am.* Ah! duvídas do prazer
Que tenho quando te escuto?
Não duvides que d'ouvir-te
Gloria tenho, hum Ceo disfruto.

Alem disso, em quanto vamos
Cumprindo aqui nossos fados,
Não podemos, conversando,
Rebater alguns cuidados?

Eia pois: por quanto es digno
Do melhor que ha sobre a terra,
Eu te rogo que me contes
Seja d'Amor, ou da Guerra.

*Del.* Visto me pedes, podendo
Mandar-me, pois sou teu servo;
Contarei hum feito que
Ha Luas doze reservo.

Mesmo aqui neste lugar
Vi Francino, rara estrella!
Quasi louco, morto quasi,
Saudozo d'Anarda bella.

Seu estado de tristeza,
Tristeza tal me cauzou,
Que para agora pinta-lo
Não sei como vivo estou.

Entendi que padecia
Do mesmo mal que padeço,
E de sentidos turbados
Cahi sobre este Codeço.

*Am.* O cazo termina; pois
Não posso ver que suspiras,
Que te ancías, te magôas
Que desmaias, que diliras!

*Del.* Quem he que póde conter-se
Encontrando similhança
No amor, e na fortuna,
D'Amor impio sem mudança?

O mesmo peito de Nero
Ao sensivel fora grato,
Se visse, qual vi, oh Ceos!
Tão lastimozo retrato!

Já no Reino d'Amphitrite
Sepultado estava Apollo,
Quando notei seu martirio,
Sua dor, seu desconsolo.
Os soluços que lhe ouvi,
E os gemidos que sahião
Do mais fundo de seu peito,
Parece, que ao Ceo subião.
Lançando as mãos aos cabellos
Em desespero os puchava,
E quasi no mesmo tempo
Astros, e areias notava.
Cheguei-me a elle, suppondo
Me contaria seus males;
O Pastor, qual doudo em furias,
Correo por montes, por valles.
Logo depois, quem tal vira!
Todo o valle, e todo o monte,
Caminhado tendo o amante,
Foi a amada achar na fonte.
Metti-me entre dois carvalhos,
Que dalli pouco distavão,
Dezejando persuadir-me
Se mutuamente se amavão.
Anarda, a immortal Anarda,
A vista pondo no chão
Quiz fugir; porém Francino
Fez que ella o tentasse em vão.
O mais proximo que pôde
Da Pastora, em tudo rara,
Soltando vozes de susto,
Queixas diversas declara.

Razão tens, disse comigo,
De por ella te abrazares:
Nella estou vendo Gertruria,
Por quem soffro mil pezares.
O mesmo Jove cedera
A posse do Paraizo,
Se disfrutasse d'Anarda
Hum meigo olhar, húm surrizo.
O mais bem feito dos corpos
Era seu corpo gentil:
Nos cabellos, fios d'oiro
Escondia amores mil.
He de bellezas composto
De Francino o amante enleio:
He das graças mãi divina,
Que eu lhas vi pular no seio;
Deixando tanta excellencia,
A'vante se leve a historia,
Que bem merece gravar-se
Para exemplo na memoria.
Dividida estava a noite
Quando por entre ais convulsos,
Ouvi dizer: Ah desliga
Por piedade os debeis pulsos!...
De Francino era o flagello,
Que meu flagello crescia,
Pedindo á Ninfa ó matasse
De huma vez, não cada dia.
No peito apertando as mãos
Do coração junto á parte,
Com mil suspiros de novo,
Pranteia, e fala desta arte.

,, Quando será, minha amada,
Que eu veja a face á ventura?
Que te veja, vida minha,
Mais sensivel menos dura?
  Que tempo haverá te prézo,
A pezar do teu rigor,
Sem te ver hum só momento
Compassiva á minha dor?
  Que tempo, torno a dizer-te,
Vês constancia nos meus votos,
Que tem por baze a firmeza;
Que ser mais não podem rotos.
  Tu me deixaste, cruel,
Por quem menos que eu te adora;
Por quem nunca excessos taes
Te fará, quaes viste agora.
  Banhando-me todo em pranto
Semimorto, impia, me achaste,
E sem indicios d' humana,
D'aspecto alli não mudaste.
  S' a mil lagrimas que verto,
E das magoas ao cardume,
Não attendes; ouve ao menos
Meu justissimo queixume.
  Vem cá, indomita féra,
Peito ingrato, alma tyranna;
Dize se acazo te consta,
Que eu amasse outra Serrana?
  Acazo menos me crês,
Que esse a quem teu peito estima?
He mais verdadeira acazo
Sua proza, ou sua rithma?

O cajado elle maneja
Mais veloz do que eu o manejo?
He mais capaz de fazer-te
Quanto peça o teu dezejo?
Supposto que independente
Nasceste do meu arrimo,
Não busquei sempre no tempo
Do primeiro dar-te hum mimo?
Não tenho entrado nas selvas
Espinhosas, para os ninhos
Procurar, achar, trazer-tos
Com implumes passarinhos?
De pequeninos caroços
Eu não te fiz mil cabazes,
Gostando que elles sahissem
Os mais galantes, capazes?
Dos seixos mais claros, finos,
A cascata não te fiz,
E por ficar a teu gosto,
Não disseste fui feliz?
De murta, rozas, boninas,
De palmeiras, d'alecrim;
Eu não te fiz, como pude,
O mais vistozo jardim?
Quando te abri essa roca,
A' ponta do canivete,
Não gastei, se bem me lembra,
Sete dias, noites sete?
Hido buscar-te não tenho,
Quando mais canta a cigarra,
D'agua fresca novas bilhas
Cobertas de verde parra?

D'amieiro, e de cortiça,
Das pelles mais finas, brancas;
Para o gêllo não sentires,
Não te armei essas tamancas?
Dos véllos melhores, que
Tirei de trinta cordeiros,
Eu não te dei dois mantéos,
E dois vestidos inteiros?
Pela pintadinha truta
Te offertar, não tenho ao rio
Hido d'inverno, sem medo
Do nimio cortante frio?
Do leite melhor, e logo
Que das ovelhas sahia,
N'um limpissimo caldeiro,
Correndo, eu não to trazia?
O tremulante, melado
Requeijão mais saborozo,
Não te dava, e se o gostavas
Tu não me vias gostozo?
Inda cá dentro d'ouriço
A longal castanha estava,
Já d'outra parte cahida
No regaço ta deitava.
Inda pela nossa Aldeia
O caixo preto era pardo,
Eu te trazia de fóra
O bom mellifluo bastardo.
Por mais longe que estivessem
As primeiras novidades
Com ellas te saciava
O dezejo, as saudades.

Finalmente: no que désses
D'appetite leve indicio,
Eu buscava saciar-to
Corresse, ou não sacrificio. „
Disse; e mal que tinha dito
Adoçou-lh' a amada os laços,
E d'Amor por doce auxilio,
Lhe deo, desmaiada, os braços.
Deste modo entre caricias,
Affectos mil, mil ternuras,
De Francino terminarão
Centenares d'amarguras.

*Am.* Supposto me consternasses
No principio; eu te agradeço,
E dentro d'alma eternizo
Historia d'eterno preço.

## MOTE.

*He possivel, sem ser Deos,*
*Haver quem de ti me aparte!*
*Se ha quem tenha tal poder,*
*Haja tambem quem me mate.*

## GLOSA.

### I.

EU te jurei, ó Lucinda,
D'Amor constancia no Templo:
Tu juraste ser exemplo
D'amantes, ternura infinda.
Se, meu bem, duvidas inda
Dos constantes votos meus,
Novamente pelos Ceos
Te juro nova união,
Laço que desatar não
*He possivel sem ser Deos.*

### II.

Mil protestos formarei
A' vista da jura tua;
Com alma de vicios nua
D'affectos não mudarei:
Ah! quanto prézo huma lei
Que me diz que devo amar-te!
Da-me tu no peito parte,
Como tens do meu no fundo,
Q' he impossivel no mundo,
*Haver quem de ti me aparte.*

## III

Não mudes, amada minha,
Tem constancia, que eu não mudo;
Qual eu faço, faze estudo,
Contra huma sorte mesquinha.
Haver póde mão daninha,
Que te afaste ao meu poder?
Vedar-se-me-ha o prazer,
Q' hei de Amor, com teu soccorro?
Eu pasmo, eu desmaio, eu morro,
*Se ha quem tenha tal poder!*

## IV.

Como o tempo audaz, temivel,
Muda tudo, tudo inverte;
Parece-me ouvir dizer-te,
Não he mudança impossivel.
Oh dor! oh magoa sensivel!
Oh impio infernal combate! . . .
Oh Furias, Minos, Hecate;
Quanto ao vosso Reino coube,
Se ha quem Lucinda me roube,
*Haja tambem quem me mate.*

## M O T E.

*O rigor, o tempo, a auzencia,*
*Neste amor não tem poder:*
*Sem temer estes tres males,*
*Hei de amar-te até morrer.*

## G L O S A.

I.

A Minha constancia rara
Nunca se póde imitar:
Hei de-te sempre adorar
Doce Armia, Armia cara!
Impio Fado, Sorte avara,
Nunca te apaga a excellencia;
De te amar, com preferencia,
Fiz protesto, e hei de cumpri-lo
Sem que possão destrui-lo
*O rigor, o tempo, a auzencia.*

II.

Conheci o teu valor,
Por ventura á vista prima,
Vendo quanto a triste Rithma
Augmentava o teu sabor.
Fez-se igual o nosso amor,
Igual nosso proceder;
O nosso amor desfazer
Nenhum mortal esperance,
Q' inda que lute, e se cance,
*Neste amor não tem poder:*

## III.

Nada haverá tão fatal
Que possa mais separar-nos :
Ha de sempre amor ligar-nos
A' voz do bem , e do mal.
Se, como eu, fores leal,
E calo no peito, cales,
Montes pizaremos, valles,
Esmagando a intriga, o fado,
E o ciume damnado,
*Sem temer estes tres males.*

## IV.

Embora o tempo voraz
Rigores sobre mim chova;
Dê-me o fel d'auzencia á prova,
Que amar-te sempre me apraz:
Armia, não he falaz,
Voto que me ouves fazer :
Talvez que a morte romper
Não possa de amar-te os laços;
E quando siga estes passos,
*Hei de amar-te até morrer.*

## MOTE.

*O meu sustento são penas;*
*Eu com suspiros converso;*
*Em mim existem tristezas;*
*Já d'alegrias me esqueço.*

## GLOSA.

### I.

JA' da fé pelos criterios
Te disse que te adorava;
Porém não te disse andava
Envolto em mantos funerios.
Ouve pois meus casos serios,
Visto me pedes, ordenas;
Mas vê se prompta serenas
O rigor do meu destino,
Pois desde que te imagino
*O meu sustento são penas.*

### II.

Logo que, Natercia, eu soube
Que existias tão formoza,
Minha alma, essa hora ditoza,
De prazer em si não coube.
Agora temendo roube
Meu prazer o fado adverso,
Tanto a proza, quanto o verso,
De que usava, já não uso;
Extaziado, e confuzo,
*Eu com suspiros converso.*

III.

Por isso, por mais que faça,
Pensando na curta vida,
Sem que te goze, querida,
Escravo sou da desgraça.
Ah! Vè que ligeiro passa
Quem se atreve ao que mais prézas:
Não queiras tantas bellezas,
Para o futuro guarda-las:
Tem dó, que, de não goza-las
*Em mim existem tristezas.*

IV.

Discorreres a favor
De minha amante paixão!
Se não he por illusão,
He travessura d'Amor.
Seja em fim porém qual for
A causa que desconheço,
Affirmo-te que padeço
Novo effeito extravagante,
Pois de instante, para instante,
*Já d'alegrias me esqueço.*

## MOTE.

*Trago no meu coração*
*Duas feridas mortais,*
*Huma he quando vos vejo,*
*Outra quando me lembrais.*

## GLOSA.

I.

A Penas vi, minha bella,
O vosso rosto engraçado,
Fiquei nelle embellezado
Suppondo mudar de estrella:
Porém he sorte, hei soffrella;
Hei de gemer sempre em vão:
Desde logo; ah! desde então,
Que vos dei meu peito amante,
Bifarpa seta picante
*Trago no meu coração.*

II.

De cada farpa igneo effeito,
Sem limite abrazador,
Submisso pedi a Amor,
Que me vedasse do peito.
Has de viver-me sujeito,
Elle diz, cada vez mais;
E minhas forças fatais
Para que não desconheças,
Morrerás, mortal, com essas
*Duas feridas mortais.*

## III.

Mal ouvi sentença dura;
Q' impiedozo Nume dá,
Entendi que a sorte má
Nóvos males me procura.
Por isso minha amargura
Vim chorar á foz do Tejo:
Aqui pois soluço, e arquejo,
Da desgraça entre mil cortes,
E de minhas magoas fortes
*Huma he quando vos vejo.*

## IV.

Por tanto, Gertruria impia;
Se d'humana tendes vizos,
Com vossos meigos surrizos
Não dobreis minha agonia.
Hide-vos, deixai-me hum dia
Soffocar em pranto, e ais:
Mas que digo! . . . não fujais
Sem que mortes vencer possa,
Pois tenho huma á vista vossa,
*Outra quando me lembrais.*

## MOTE.

*Vamos viver na campina;*
*Como vive a planta, a flôr;*
*Exercendo em paz suave*
*A suave Lei d'Amor.*

## GLOSA.

### I.

MArilia, os nossos Amores
Exigem mais liberdade;
Deixemos já da Cidade
O turbilhão d' impostores:
Vamos gozar os favores,
Que o justo Ceo nos destina:
Attende á grande ruina,
Que nos ameaça a Corte:
Anda, mudemos de sorte;
*Vamos viver na Campina.*

### II.

Igual á minha vontade
Seja a tua, amado bem,
Q' entre Amantes só convém
Haver signal d' igualdade:
Vedados á Sociedade,
Que nos cauza dissabor,
Viviremos sem temor
Da civil impertinencia,
Com tanta paz, e innocencia;
*Como vive a planta, a flôr.*

## III.

Não estejas contingente,
Apressa veloz partida:
Vamos gozar, minha vida,
Grato prazer innocente.
Fugiste do vicio, á gente,
E da intriga ao pezo grave?
Do meu fiel peito a chave
Aqui tens, guarda, segura,
E vai as leis da ternura
*Exercendo em paz suave.*

## IV.

Já que vimos terminar
Nosso cruento flagello,
Imitemos com disvello
O extremo puro (1) de amar.
Anda, minha alma, gostar
O mais heroico sabor:
Desse teu peito amador
Cede-me, ó encanto, a posse,
E verás que he sempre doce
*A suave Lei d' Amor.*

---

(1) Esta Glosa, e a Lyra 2.ª vão reimpressas com alguns Termos trocados, e erros da imprensa corrigidos.

## MOTE.

*Morrer, cahir no inferno;*
*Hum mal não he d' illuzão;*
*He sempre mal verdadeiro*
*A nossa separação.*

### Glosa em Dialogo.

I.

Belm. TU queres, Marilia pura,
Mais mortificado ver-me?
Queres de todo metter-me
No fundo da sepultura?
Queres crescer a amargura,
Redobrar meu mal interno?
Só por hum surrizo terno,
Sem que mais se junte, ou faça,
Queres ver-me, achas-lhe graça,
*Morrer, cahir no inferno?*

II.

*Mar.* Não posso maior mer-cê
Inda ceder-te, Pastor,
Pois temo a Lei Sup'rior
De quem futuros prevê:
Se queres que mais te dê,
Déves pôr no Altar a mão;
Jurar-me nelle affeição,
Eo mesmo alli te farei:
Olha q' abuzo da Lei
*Hum mal não he d' illuzão.*

III.

Não he, Belmiro, bastante
Seguir as Leis naturaes;
He percizò me dès mais
Além do teu peito amante:
Retardáres vacillante
Affecto, que exijo inteiro,
Será querendo primeiro
Me dê a ti, que a Hymeneo?
Se tal he, o pensar teu
*He sempre mal verdadeiro.*

IV.

S' esta nossa Lei Sagrada,
Que á liberdade m' esquiva,
O teu desgosto motiva,
Fique o nosso amor em nada:
Tambem d' Amor abrazada
Nutro d'amar a paixão;
Mas fugir á convenção
Não posso, de culpa izenta:
Quem t' illude he por que tenta
*A nossa separação.*

## MOTE.

*Prados, fontes, lirios, mares,*
*Selvas, rios, astros, flores,*
*A sentir vinde ajudar-me*
*Ancias, ais, penas, e dores.*

## GLOSA.

### I.

FIca o rio mais tristonho;
Séca a fonte, murcha o prado,
E o manso mar fica irado,
Se nelles meus olhos ponho.
Se volvo ao Ceo, já medonho
Me annuncia mil azáres!
Parece, que de pezáres
Se nutre meu fado opposto!
Fazendo neguem-me o rosto
*Prados, fontes, lirios, mares.*

### II.

Nega-me á selva sombria,
Do rio á clara corrente,
E a qualquer astro luzente
Minha constante agonia.
Nega-me a flor a energía
De seus naturaes fragores:
Recrescem meus dissabores,
Vendo contra mim voltados
Mares, lirios, fontes, prados,
*Selvas, rios, astros, flores.*

III.

Vós, ó moxos penugentos,
Que vos cevais de pavor;
Minorai a minha dor,
Com vossos tristes lamentos.
Mil estranhados tormentos
Hum pouco vinde adoçar-me;
Com vosso pranto alegrar-me
Vind' aqui por compaixão:
A minha assidua afflicção
*A sentir vinde ajudar-me.*

IV.

Aves tristes, selvas, prados,
Rios, mares, flores, fontes,
Astros, lirios, valles, montes
Me dão que sentir cuidados!
Tudo surdece a meus brados!
Nada attende a meus clamores!...
O' furias, raivas, horrores,
Toda a negra styge fria;
Acabai comigo hum dia,
*Ancias, ais, penas, e dores.*

## MOTE.

*Morrer, Francina, em teus braços,*
*He melhor do que viver;*
*Mas não gozar teus agrados,*
*He peior do que morrer.*

## GLOSA.

### I.

NOite que ás Leis de Morpheo
Me ligára a-minha sorte,
Doce aligeirada morte
Supliquei ao fado meu.
Pedi-lhe, e pedi ao Ceo,
Me estreitasse amantes laços;
Pensei quartar não escassos
Instantes meus d'agonia,
Pensando em fim, que podia
*Morrer, Francina, em teus braços.*

### II.

As graças desse teu rosto,
Por divinas, forças tem,
Que até sonhadas convém,
A' méta d'estranho gosto.
Piza, esmaga, o fado opposto
Quem as chega a merecer:
Por ti a vida perder,
Qual, sonhando, disse ao fado,
Inda repito acordado,
*He melhor do que viver.*

III.

Porém (destino cruel!)
Estranho vulto me diz:
" Serás, mortal, infeliz,
Por ser amante fiel: „
Que a beber davas-me o fel,
Astuta, em vazos doirados;
Que meus dezejos sagrados
Baldava por huma infida;
Que podia dar-te a vida,
*Mas não gozas teus agrados.*

IV.

O' fado (exclamei anciozo,)
Por que inda vivo me deixas?
Por que á voz de minhas queixas
Te contemplo tão raivozo.
S'és Nume, se és Protentozo,
Mostra agora o teu poder:
Anniquila já meu ser;
Serei menos desgraçado;
Por que amar incompensado
*He peior do que morrer.*

## MOTE.

*Bem póde o tempo tirar*
*O tempo de te não ver:*
*O tempo de te querer*
*Não póde o tempo acabar.*

## GLOSA.

I

JUraste, jurei tambem
Sobre a Sacra aceza Pyra,
Seres sempre, e eu ser, Elfira,
Constante da morte á quem.
Se he possivel, caro bem,
Té morto eu te hei de adorar;
Mas se a vida terminar
Póde a paixão mais subida,
Minha paixão com a vida
*Bem póde o tempo tirar.*

II.

Que tyranno, e duro corte
Eu não soffrera, se houvesse,
Quem desatar-me podesse
D'Amor este laço forte!
Antes nos braços da morte
Os fios vitaes perder:
Justos Ceos, q' hei de fazer
Se vejo, até s' imagino,
Por lei de feto destino,
*O tempo de te não ver?*

III.

Antes quizera ser cego;
Ou queimado em fogo vivo,
Que perder o linitivo
De te ver, meu doce emprego.
A jurá que fiz, não nego,
Nem a posso desfazer:
Inda depois de perder
Toda a expressão corporal,
O Ceo me faça immortal
*O tempo de te querer.*

IV.

Elfira; crê que te adora
Ulzí com força maior;
Que a todas he sup'rior
A paixão que me devora.
Se d'existencia melhora
Minha alma em outro lugar;
Se nelle se póde achar
D' amantes a propriedade?
Minha constante amizade
*Não póde o tempo acabar.*

# MOTE.

*Quem nascco sem ter ventura*
*Ha de acabar desgraçado,*
*Eu que sem ella nasci*
*Hei de cumprir o meu Fado.*

## GLOSA.

### I.

D'Amor cançado na luta
Pavoroza estancia entrei:
Vi sombra estranha, e bradei,
Quem quer que sejas m'escuta.
" Mortal, me diz, q' absoluta
Tentativa! que loucura,
Te dirige á Corte escura?,,
Vim saber do inferno á quem,
Lhe disse, a sorte que tem
*Quem nasceo sem ter ventura.*

### II.

" Vem comigo: onde me levas?
Lhe torno; responde: Lá
Onde o Livro se achará
Em que tua sorte escrevas.
Tendo o horror talhado, e as trevas,
Deu-me Livro bronzeado;
Ferrea penna, hum decretado:
Esta a copia, minha a dor!
" Quem ama, quem preza Amor,
*Ha de acabar desgraçado.,,*

III.

Era meu Fado tyranno,
De prognosticos Ministro,
Esse q' em lugar sinistro
Dictou-me de Jove o Arcano.
Quando aquelle immenso damno
Soffre, nos Lares que vi,
Sendo, por ventura, alli
Magistrado de tal Rei;
Triste de mim; que farei?
*Eu que sem ella nasci?*

IV.

Nem queixar-me poderei,
Q' até disso fico izento,
Sigo Amor, sigo o Tormento
Pois que a Sentença lavrei.
Até morrer amarei
Venturozo, ou desgraçado:
Seja meu fim desastrado,
Por ser Amante, o mais fino,
Q' ou seja Fado, ou Destino,
*Hei de cumprir o meu Fado.*

# L Y R A.

ESquecer não posso, amada,
A saudoza noite escura;
Aquella primeira quando
Satisfeita me attendias;
Tu pedias-me a ventura,
E davas-me o que pedias.
Só em ti achei valor
D' abrandar-me a Sorte dura;
Por que vendo-me entre magoas,
Circumdado d' agonias
Tu . . . .
Que heroico, immortal exemplo
Tu me davas, alma pura!
Com meu rizo te alegravas,
E se eu carpia, carpias:
Tu . . . .

## L Y R A.

Adeos, Patria sempre amada
Do mais infeliz vivente,
Que tendo o p'rigo imminente
Busca nova habitação:
Adeos, Marilia; q' eu vou
Ser entregue á solidão,
Sem que possa resistir
A' tyranna saudade,
Q' ataçalha o coração.

Adeos, parte da minha alma,
Effeito de puro amor,
Caract'ristico penhor
Da mais terna gratidão;
Auzente de ti serei,
Viva imagem d'afflicção.
Sem . . . .
Adeos, Marilia adorada,
Contínua lembrança minha,
Pois quer a Sorte mesquinha
Este Adeos; Adeos, q' em vão
De ti vedar-me pertende
Do tyranno fado a mão,
Sem . . . .
He possivel, caro objecto,
Que te deixe, e que me auzente?
Ah! minh' alma não consente
Nesta cruel izenção:
Como poderei viver
N' uma tal separação,
Sem . . . .
O Ceo me vigore o passo,
Q' a tremer, e afflicto dou!
Se o doce tempo acabou
Da nossa doce união,
O mesmo Ceo anniquille
Minha vital expressão,
Q' eu não posso &c.

## LYRA.

No teu composto, Francina,
Vê-se a humana formozura,
Mil celestes perfeições:
Creio q' em todos os peitos,
Teu éstro, estilo, e doçura,
São iman dos corações.

Tua esféra, os teus cabellos,
Finos, côr da noite escura;
Testa d'altas relações,
Rubros labios, faces niveas;
Teu . . . .

Teus circulos timpanares
Trifeixo á voz da loucura;
Teus lumes do Ceo clarões,
Tua sonora garganta,
Teu . . . .

Quando a Lyra, ó Bella, pulsas,
Que Amor ouvir-te procura;
Hymnos teus, tuas canções,
De tal modo exprimes, que
Teu . . . .

O todo prodigiozo,
Mais que de humana figura;
São claras demonstrações,
Que posso dar, quando affirmo
Teu . . . .

A'vido cofre tens onde,
Segundo a mente murmura,
Guardas d'Amor as funções,
Com as quaes por consequencia
Teu . . . .

## LYRA.

He de gêlo quem póde conter-se
Avistando perfeita Madama,
Sem que logo se queime na chama,
Em que todo me sinto abrazar:
Tomo banhos de neve por dentro,
Mas o fogo não quer abrandar.

Se lhe vejo doirados cabellos,
Espalhados, expostos ao vento,
He incendio recente, he tormento,
Q' em meu peito começa avultar.
Tomo . . . .

Se dos olhos, ou d'alma correios,
Eu lhe noto a expressão que apeteço,
Já por dentro, e por fóra começo
A sentir-me de novo inflamar.
Tomo . . . .

Se na boca pequena lhe vejo
De Marfim regulares bocados,
D'improvizo concérto recados,
Que não deixa o receio contar.
Tomo . . . .

S' á garganta sonoro exercicio
Ella dá; satisfaz-me, porém,
Lavarédas de fogo me vém
O calor natural augmentar.
Tomo . . . .

Se dos braços mimozos, nevados,
Ou nas mãos torneadas lhe pego,
Em dezejos me abrazo, e o socego
Sinto logo no peito expirar.
Tomo . . . .

S' atrevido lhe bulo, ou lhe toco...
Finalmente de telhas abaixo;
Nas entranhas s'ateia fogaxo,
Que por fóra dezejo apagar.
Tomo . . . .

LYRA.

Foi o Cáos desenvolto
Em claras mássas brilhantes:
Sóes nocturnos scintilantes
Illuminão desd' então:
De tudo se muda a Sorte,
Só a minha sorte não.

Buscou a filha d'Acrizio,
Transformado em chuva d'oiro,
Esse, q' em fórma de toiro
Cubrio Divina expressão.
De tudo . . . .

O Vate que á Lyra mága,
Estilo mágo cingia,
Até lá da Stige fria
Fez minorar afflicção.
De tudo . . . .

A féra, que amor procura,
Acha amor igual na féra;
Bravo furor degenera
Em terna mutua paixão.
De tudo . . . .

O peixe que foge áquelle,
Que não ata a falsa malha,
Novamente os mares talha
Cheio de satisfação.
De tudo . . . .

A planta fóra da Mái,
Quasi expira saudoza:
Faz torna-la vigoroza
O cuidadozo hortelão.
De tudo . . . . .

Faz o tempo abrilhantar
D'hum a Sorte, e a d'outro dana:
Eleva a pobre Cabana,
Deita o Palacio no chão.
De tudo . . . . .

Quanto existe faz mudança,
Pela idade, em seu estado:
Todo o possivel creado
Soffre modificação.
De tudo . . . .

# O D E.

FOrmoza Nize, (1)
Nize engraçàda,
Sempre adorada,
Do teu pastor. (2)
Nâo me contemples
D'auzencia réo,
Se ordena o Ceo
Tal dissabor.
A que te fiz
Sagrada jura,
Reserva pura
Mesmo valor.
Oh quantas vezes,
Por teu respeito,
Guardo no peito
D' Amante a dôr.
De quantas vejo,
Pastoras bellas,
Ficas a ellas
Superior.
Qual tu me agradas,
Outra nenhuma
Disso prezuma,
Que affronta Amor.

---

(1) A Senhora D. Ignez Maria d'Almeida; aquem se dedica a presente, em nome do (2) Senhor Joâo Nepumeceno d'Almeida, seu marido.

Por tanto; vive
Certificada,
Q' és minha amada,
Meu bem melhor.

## O D E.

Tu (1) que desfeixas
O claro Ceo:
Pára, não sigas
O giro teu.
Tem dó, tem dó
O' noite amiga;
Hum desditozo
Abriga, abriga. } (2)
Deixa que a noite
Me preste horror;
Deixa cevar-me
Do seu pavor.
Quando descobres
A face pura,
Nasce em meu peito
Nova amargura.
Apenas vejo
A luz Phebéa,
Baça tristeza
Me enluta a idéa.
Quando te noto
Manto orvalhado,
Maldigo a sorte,
Destino, ou fado.

---

(1) Aurora.
(2) Estorvilho para todas.

Mal que de Apollo
Morre o Luzeiro,
Ouvir me apraz
Moxo agoureiro.

## O D E.

Não ha quem viva
Tão desgraçado,
E amargurado
Tanto se veja;
Qual me contemplo!
Soffro, ó mortaes,
D'Amor a fragoa,
De dôr, e magoa
Sou claro exemplo.
Do sequioso
Tantalo horrendo
Menos tremendo
He seu castigo,
Que meu penar!
Q' eu tenha, e cumpra,
Meu Fado ordena,
Mais grave pena,
Só por amar.
Das furias todas
Do negro Averno,
O fogo eterno
Excede-lh'este,
Que me devora! . . .
Mortaes, eu amo
Rosto Divino,
Peito ferino,
Alma traidora!

## O D E.

Desde o tempo, em que
Dei principio a amar,
Não posso hum momento
Meu pranto enchugar.
Attende, Jacina,
A' voz do pezar:
Apressa-te, vem
Meu pranto enchugar.
Por montes, por valles,
Eu me hirei queixar,
Em quanto não venhas
Meu pranto enchugar.
Porque, Fado insano,
Eu devo adorar
A ingrata? ella não
Meu pranto enchugar?
Quando já por mim
O sino dobrar,
Talvez queira a impia
Meu pranto enchugar.
Vem tu, doce morte,
Meu fel adoçar:
Ah! vem compassiva
Meu pranto enchugar;
Jacina comece
Então a chorar:
Saiba o que penei,
Por saber amar.

F I M.